

RELIGIÃO, ENSINO E GEOGRAFIA: PROPONDO ATIVIDADES PARA ENSINAR NO VIÉS GEOGRÁFICO

(RELIGION, EDUCATION AND GEOGRAPHY: PROPOSING ACTIVITIES TO TEACH RELIGION IN THE GEOGRAPHICAL BIAS)

(RELIGIÓN, LA EDUCACIÓN Y LA GEOGRAFÍA: PROPONGAN ACTIVIDADES PARA ENSEÑAR EN BIAS GEOGRÁFICA)

52

RESUMO

A abordagem religiosa na Geografia esteve sempre alternando entre sua discussão ou não discussão. Nas diferentes correntes epistemológicas que permearam a ciência geográfica, somente com a abordagem humanista na geografia, preconizando o estudo do ser, da individualidade do homem, partindo-se de seus valores, símbolos e percepções sobre o espaço, os estudos sobre os fenômenos religiosos passaram a ser estudados a fundo, uma vez que houve apenas aproximações entre paisagem e religião na chamada Geografia clássica e uma total negligência por parte dos geógrafos preocupados em apontar incoerências sociais no espaço – os geógrafos críticos. No cerne do ensino de geografia, há, ainda, uma falha enorme ao se tentar realizar a transposição didática de assuntos corriqueiramente debatidos na Geografia, tais como: urbano, rural, econômico, regional, territorial, dentre outros, fazendo com que a abordagem da religião no ensino seja praticamente invisível. Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como foco principal dispor uma série de atividades que propiciem uma abordagem profícua do tema religioso no ensino de geografia, procurando, também, atingir trabalhos interdisciplinares com a Filosofia, Sociologia (ciências inerentes à Geografia) e Teologia.

Palavras-chave: Geografia e Religião; Ensino de Geografia; Espaços Sagrados.

ABSTRACT

The religious approach in Geography has always been alternated in its discussion. In the different epistemological that permeated the geographic science, only with the humanist approach in Geography, precognizant the study of being, the individuality of man, considering it's values, symbols and perception to the space, the study related to religious phenomenon passed to be studied more clearly, at the time that the approaches between landscape and religion in Classic Geography and a negligence from the called critical geographies worried to point social inconsistencies in space. In the core of teaching geography, there's, yet, a huge gap in trying to realized the didactic transposition of subjects most commonly discussed in Geography, such as: urban, rural, economical, regional, territorial, and others, causing the religious approach in education being practically invisible. In this perspective, the presented work aims to dispose a series of activities which conduce to a more fruitful approach about the religious theme in teaching geography, searching for, as well, reach interdisciplinary works with Philosophy Sociology (sciences inherent to Geography) and Theology.

Keywords: Geography and Religion; Teaching Geography; Sacred spaces.

RESUMEM

El enfoque religioso en la Geografía siempre se alterna entre su discusión y no discusión. En el diferentes corrientes epistemológicas que impregnó en la ciencia geográfica, es somiente en el enfoque humanista em geografia, consierando el estudio del ser, de la individualidad del hombre, en vista de sus valores, símbolos y percepción sobre el espacio, los estudios acerca de los fenómenos religiosos comenzaram a ser estudiado de forma concisa, ya que sólo había aproximaciones entre la paisaje y la religión em la Geografía Clásica y grave negligencia por parte de los geógrafos interesados en señalar las inconsistencias em el espacio social – geógrafos críticos. En el ciento de la enseñanza de la geografía, tiene, aún, un gran fracasso al intentar realizar la transposición didáctica de los temas tratados de manera rutinaria en la geografía, como la: urbana, rural, económico, regional, territorial, entre otros, por lo que el enfoque de la religión em la educación es prácticamente invisible. En esta perspectiva, este trabajo se centra principalmente en la organización de una serie de atividades que proporcionan un enfoque fructífero com el tema religioso en la enseñanza de la geografía, también tratar de lograr un trabajo interdisciplinario con la Filosofía, Sociología (ciencias inherentes a la Geografía) y Teología.

Palabras clave: Geografía y Religión; Enseñanza de la Geografía; Espacio Sagrado.

Heitor Matos da Silveira

Graduando em Geografia na Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 Pr 445 - Campus Universitário
Cx. Postal 10.011 | CEP: 86057-970
Centro de Ciências Exatas - Departamento de Geociências - Sala 708
heitormsilveira@outlook.com.br

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes aos fenômenos religiosos no âmbito da Geografia tardaram a iniciar, pelo fato de haver certa resistência por parte dos geógrafos em assumir a frente nestes estudos. A Geografia nasce em dado momento histórico no qual persistiam os pensamentos positivistas, embasados nos estudos empíricos, naturalistas e desconsiderando as relações sociais como matriz de estudo. Entende-se que no período positivista, os geógrafos que se empenharam em trazer a discussão religiosa para a Geografia conformaram as primeiras noções de Geografia e Religião, dando as primeiras contribuições para este ramo geográfico.

Relembrando Moraes (2007), por volta da década de 1970, com as contribuições imensuráveis de geógrafos clássicos como Yves Lacoste, Massimo Quaini, Milton Santos, Edward Soja, David Harvey, dentre outros, nasce o pensamento crítico da Geografia, baseado principalmente no materialismo histórico e dialético. Nesta vertente geográfica, a ideia de Deus fora negligenciada, ao passo que Karl Marx e Friedrich Engels¹ entendiam que a Religião seria alienadora e poderia de alguma forma, fazer com que a sociedade aceitasse sua condição social atribuindo-a a um desejo divino.

É apenas com o movimento humanista, principalmente a partir de 1970, que os estudos religiosos passaram a serem considerados enquanto um tema geográfico. Por este movimento considerar o retorno ao humano, destacando, principalmente, o homem e tratando-o a partir de seus significados, valores, objetivos, propósito e dos seus entendimentos do mundo, tornou-se possível um desenvolvimento nos estudos dos fenômenos religiosos pela Geografia.

Na fase atual da discussão geográfica da religião, os estudos direcionados aos fenômenos religiosos e a sua dimensão espacial, às territorialidades e os territórios conformados pelas religiões, às paisagens sagradas, aos lugares sagrados e profanos e aos espaços sagrados e profanos viabilizam um diálogo profícuo entre Geografia e Religião.

Partindo-se deste pressuposto, e da ideia de que ao se trabalhar com o ensino de Geografia é necessário basear-se nas categorias geográficas, o presente trabalho busca realizar propostas de atividades vinculadas à questão dos espaços sagrados e, obrigatoriamente, espaços profanos enquanto nova abordagem no ensino de Geografia.

Para tal proposta, entende-se que seja imprescindível, num primeiro momento, destacar a historicidade dos estudos em Geografia da Religião, partindo-se dos trabalhos internacionais e nacionais. Em sequência, faz-se necessário discutir as modalidades do Sagrado e do Profano baseando-se, principalmente, em Mircea Eliade². Doravante, discutirão as questões referentes à como se conformam espaços sagrados e espaços profanos e, por fim, propor atividades que possam ser trabalhadas pelos docentes.

¹MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 70, 1972.

²Mircea Eliade nasceu em Bucareste, Romênia, em 1907. Graduiu-se em Filosofia em 1928 e estudou Filosofia Hindu com Surendranath Dasgupta na Universidade de Calcutá. Depois de cumprir o serviço militar, finalizou seu doutorado em 1933, com a tese sobre a história das técnicas iogues. Foi um dos mais influentes estudiosos da Religião do século XX e um dos mais importantes intérpretes do simbolismo religioso e do mito.

GEOGRAFIA E RELIGIÃO: HISTORICIDADE DE UMA ABORDAGEM

Os fenômenos religiosos, diferentemente do que acontecera em outras ciências como a História e as Ciências Sociais, demoraram a serem estudados pelos geógrafos. Isso se deve, principalmente, pelas constantes alterações nos paradigmas científicos, que causaram alterações significativas nas ciências, assim como na ciência geográfica. Como bem nos lembra Rosendahl (1996), no positivismo, enquanto pensamento que guiavam os geógrafos ao empirismo e a relação homem e natureza (estes, dissociados), a ciência geográfica operava no “sentido das relações entre o homem e a natureza, sem se preocupar com as relações entre os homens. As relações sociais não faziam parte do pensamento geográfico positivista e naturalista” (ROSENDAHL, 1996, p. 20). Todavia, foi no positivismo que nasceram as primeiras concepções e tentativas de uma Geografia da Religião, embasada na “mera classificação dos tipos de efeitos que as religiões tinham sobre a paisagem” (ROSENDAHL, 1996, p. 20).

Com o desenvolvimento da ciência e com o nascimento da corrente crítica da Geografia, embasada no materialismo histórico e dialético, os valores burgueses do homem e sua forma de vida passaram a ser criticados; apesar de a geografia radical ter representado uma reação ao protesto à neutralidade frente aos problemas sociais e econômicos que a geografia quantitativa (vinculada ao governo e alienadora), a temática religiosa foi negligenciada (ROSENDAHL, 1996). Deve-se ressaltar, também, que o rigor materialista que movia o pensamento geográfico “levou os geógrafos críticos a marginalizar as questões religiosas nos seus estudos” (ROSENDAHL, 1996, p. 20).

Concomitante ao nascimento da Geografia Crítica tem-se o movimento humanista desembarcando no contexto geográfico, destacando o homem e tratando-o a partir de seus significados, valores, objetivos e propósitos. Assim, com o movimento humanista, tornou-se possível “uma reflexão do fenômeno religioso na geografia” (ROSENDAHL, 1996, p. 20). Nisto, pode-se dividir os estudos da religião em dois grandes blocos: 1) no período antes de 1970, onde os estudos contemplavam os efeitos da religião sobre a paisagem, sem considerar os valores morais e afetivos e 2) onde os estudos geográficos da religião estão vinculados à perspectiva humanista, buscando desvendar as fontes das sensações vividas pelo homem e pelos grupos sociais (ROSENDAHL, 1996).

As primeiras contribuições para uma Geografia da Religião nascem com P. Deffontaines (1948), D. Sopher (1967), P. Fickeller (1999), L. Kong (1990; 2001a; 2001b), como bem nos recorda Rosendahl (2012a). No âmbito da geografia brasileira, têm-se, como pioneira, Maria C. França (1972) ao estudar os pequenos centros paulistas de função religiosa e Rosendahl (1992) ao estudar o espaço sagrado do Porto das Caixas, na Baixada Fluminense (FRANGELLI, 2012). Na Geografia da Religião atual, destacam-se as obras de Zeny Rosendahl, Sylvio Fausto Gil Filho, Lily Kong, onde as principais discussões referem-se à espacialidade do sagrado, às formas simbólicas *cassirerianas* e discussões teóricas frente ao desenvolvimento deste tema geográfico.

Park (2004) aduz dois tipos de aproximações que são adotadas pelos recentes trabalhos pelos geógrafos preocupados com a religião: geografia religiosa e geografia da religião. A primeira versa para entender como a religião altera a percepção do mundo pelo homem e como o homem se insere nesse “mundo religioso”. A segunda está preocupada não com a religião por si mesma, mas com as variadas maneiras que a religião *per se* se expressa, considerando-a como uma instituição, explorando o social, cultural e impactos ambientais.

O estudo do fenômeno religioso pela Geografia deve levar em conta quatro temas: 1) fé, espaço e tempo, 2) centros de convergência e irradiação da fé, 3) religião, território e territorialidade e **4) espaço e lugar sagrado**. (ROSENDAHL, 1995, grifo meu).

Destarte, o presente trabalho basear-se-á nos espaços sagrados, na espacialidade do sagrado, partindo-se da ideia de que um espaço sagrado conforma-se pela revelação do sagrado num determinado local, transmutando-o de um espaço qualquer para um espaço sagrado.

O SAGRADO E O PROFANO: ESSÊNCIAS DA RELIGIÃO

O homem, em sua essência, é religioso; mesmo o homem que não aceita o religioso e se considera não religioso, atribui sacralidade a determinado espaço ou objeto (ELIADE, 2010).

Antes de se adentrar numa discussão referente aos espaços sagrados, deve-se entender como o sagrado se manifesta e como este conforma os espaços sagrados e como estes se diferem dos espaços profanos.

Primeiramente, é primordial entender que o sagrado e o profano se opõem, mas, ao mesmo tempo em que há essa oposição, há certa atração sem que haja amálgama entre eles, pois, tudo aquilo que não é sagrado, é profano (ROSENDAHL, 1996; ELIADE, 2010). Dessa forma, diante de certa sacralidade, há uma profanidade que a circunda. Apesar de estudiosos como Gil Filho (2008) entenderem que haja o sagrado, o não sagrado e o profano, apropriar-se-á, aqui, da noção apenas de sagrado e profano.

Como bem lembra Eliade (2010), o homem toma conhecimento do que é o sagrado a partir de sua manifestação, entendida como uma hierofania³. Esta hierofania pode ocorrer em diferentes lugares; pode ser atribuída a uma pedra, árvore ou templo, por exemplo. A revelação do sagrado em um objeto, como por exemplo, em uma pedra, lhe atribui determinada sacralidades, onde o homem religioso passa a ver este não como mais um simples objeto, mas como o sagrado (ELIADE, 2010). Nesta perspectiva, entende-se, portanto, que a partir dessa manifestação do sagrado “um objeto qualquer se torna *outra coisa* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (ELIADE, 2010, p. 18).

Deve-se entender, portanto, a partir de uma análise espaço-temporal, que o sagrado é aquilo que perpassa o comum e quebra com a rotina (TUAN, 1978). O sagrado é tudo aquilo que desvia o *homo religiosus* do “tempo normal” (= profano) para um tempo sagrado, sendo que este é passível de repetições e de reproduzir a *cosmogonia*⁴ (ELIADE, 2010). Todavia, não se adentrará nas discussões referentes ao tempo e *templus* e cosmogonia vistos em Eliade (2010), uma vez que este não é o escopo deste artigo. Analisar-se-á, portanto, de que maneira o sagrado irrompe com a homogeneidade do espaço e do seu caráter rotineiro, a partir de um “ponto fixo”, conformando espaços sagrados e, conseqüentemente, espaços profanos.

³Hierofania é um termo cunhado por Mircea Eliade (2010) em “O Sagrado e o Profano: a essência das religiões” onde o mesmo se refere, puramente, ao ato de manifestação do sagrado.

⁴A discussão referente à cosmogonia fora introduzida na discussão de Eliade (2010) e deve ser entendida enquanto o “surgimento do universo”.

ESPAÇOS SAGRADOS E PROFANOS

Salvo questões religiosas, abordar-se-á, aqui, uma das questões que permeiam o escopo do trabalho em tela e das construções do homem a partir da hierofania.

A oposição e relação entre o sagrado e o profano podem ser entendidas a partir de uma leitura mais concisa referente aos espaços sagrados. No entendimento de Eliade (2010), o *homo religiosus* não acredita na homogeneidade do espaço; para o *homo religiosus*, o espaço apresenta roturas, quebras. Por meio destas quebras, a partir de uma hierofania qualquer (seja ela pequena ou máxima, como a encarnação de Deus em Jesus Cristo, para os cristãos), não há apenas “uma rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta” (ELIADE, 2010, p. 26). Essa hierofania funda ontologicamente o mundo; a hierofania acaba, pois, por revelar um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”. Diferentemente de Gil Filho (2002), onde o mesmo atribui certa cristalização do espaço ao se considerar à revelação deste “ponto fixo” (a partir de sua leitura do espaço em Maurice Merleau-Ponty⁵), entende-se aqui apenas essa revelação do sagrado e uma fundação de espaços sagrados, sem adentrar nas questões referentes ao espaço.

A revelação deste espaço sagrado tem um valor existencial para o homem, uma vez que “nada pode começar, nada se pode *fazer* sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo” (ELIADE, 2010, p. 26, grifos no original). Assim, como fora delineado anteriormente, sempre que há uma revelação do sagrado, há certa profanidade que a circunda, pois estas são opostas e, ao mesmo tempo, atraem-se. Para a experiência profana, o espaço não apresenta nenhuma diferenciação do tipo qualitativa; ele sempre será homogêneo e neutro (ELIADE, 2010). Deve-se, portanto, entender que o espaço profano se opõe ao espaço sagrado.

Rosendahl (2012b) busca aprofundar a questão do espaço sagrado, definindo tipologias conforme sua localização, definindo três níveis: o fixo, o móvel e o *imaginalis*.

Adicionando mais uma questão referente aos níveis tipológicos, acrescentou-se, na tipologia “fixos”, a questão dos templos, igrejas, catedrais etc., uma vez que se entende que a manifestação do sagrado não é dada apenas em cidades santuários ou em determinados locais, mas, assim como entende Rosendahl (2012a), o homem sente necessidade de estar andando, caminhando por dentro de um espaço sagrado, pois este lhe faz quebrar a homogeneidade espacial e a homogeneidade temporal.

Os estudos brasileiros referentes ao espaço sagrado podem ser entendidos com a leitura de Rosendahl (1997b) para o estudo em Muquém, Goiás. A autora entendeu que este trata de um núcleo rural de convergência religiosa, onde se predomina o catolicismo popular, onde os fenômenos religiosos recriam os espaços sagrados a partir do fenômeno da peregrinação. Rosendahl (1997b) entende que há, em Muquém, um espaço sagrado (revelado pelo lugar da santa), um lugar superior (não profano) e um espaço profano na parte mais baixa (este formado por uma área comercial e de lazer, conformando uma mescla entre cerimônias religiosas e atividades ditas profanas).

Numa viés mais geográfico, Rosendahl (1996) nos elucida que “[...] na geografia mítica, o espaço sagrado é o espaço real por excelência, quer seja ele materializado em certos objetos ou manifestado nos símbolos hierocósmicos. Desta forma, isola-se do espaço profano que o circunda” (ROSENDAHL, 1996, p. 32). Real para o *homo*

⁵MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia de laPercepción*. Barcelona: Planeta Agostina, 1993.

religiosus e irreal para o homem não religioso; este questão depende dos símbolos e significados que são atribuídos ao espaço.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

A relação entre espaços sagrados e profanos e o Ensino de Geografia permeará a questão do espaço e do sagrado, elucidando, assim, questões referentes à conformação de espaços sagrados e, conseqüentemente, profanos, por alguma hierofania. Entende-se, também, que as atividades propostas podem e devem ser realizadas em conjunto com disciplinas como Sociologia, Filosofia, História e Ensino Religioso (visando romper com possíveis preconceitos religiosos dos alunos, procurando, assim, melhor sincretismo religioso e respeito quanto às diferentes religiões). Antes, deve-se entender que as atividades são próprias para alunos do **1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio**, pois, mesmo que nas Diretrizes Curriculares de Geografia do Paraná não se contemple a Geografia da Religião, são nestes anos que se aprofundam questões geográficas.

Atividade 1: *Trabalho de Campo “Espaços Sagrados do Monge São João Maria: o caso do quilombo Água Viva, em Curiúva, Paraná”.*

A primeira atividade proposta tem por finalidade permitir o aluno ter contato e observar um pequeno espaço sagrado, juntamente numa área pertencente a uma comunidade quilombola. Nesta atividade, faz-se necessário que o professor tenha cópias do artigo de Fraga, Cabianca e Silva (2013), permitindo aos autores realizarem estudos referentes aos espaços sagrados do Monge São João Maria, o monge da Guerra do Contestado. Depois de feita a leitura do artigo, o trabalho de campo deve ser realizado, permitindo uma melhor apreensão dos objetivos da atividade, que permeia a visualização de um espaço sagrado e do espaço profano que o circunda. O trabalho de campo deve ser realizado no Quilombo Água Viva localizado no município de Curiúva, Paraná. Por fim, como um instrumento de avaliação, o professor deve aplicar um mapa mental, buscando entender como o aluno construiu cognitivamente o espaço e se o aluno consegue perceber o espaço. O professor também pode induzir discussões em sala de aula sobre os espaços sagrados e profanos e sobre os elementos percebidos durante o trabalho de campo, a partir de uma leitura dos mapas mentais.

Atividade 2: *Atividade avaliativa “Os Espaços Sagrados e a Geografia”*

A segunda atividade está baseada na elaboração de um texto dissertativo por parte dos alunos referentes aos espaços sagrados. Previamente, o professor deve discutir as questões vinculadas ao sagrado e ao profano e sua espacialidade, entendendo como estes possibilitam uma intensificação dos fluxos de pessoas para as chamadas hierópolis⁶, ou cidades-santuário. Para esta atividade, é necessário que o professor utilize de folhas de papel almaço para aplicação das questões dissertativas. As questões contemplam os seguintes assuntos:

⁶Hierópolis é um termo cunhado por Rosendahl (1996) onde a mesma refere-se às cidades-santuários. Ao inferir Hierópolis, entende-se que são cidades onde a hierofania ocorre, fazendo com que o ato da peregrinação seja intenso.

1. O que são espaços sagrados e espaços profanos?
2. Como são construídos os espaços sagrados?
3. Discorra brevemente sobre algum espaço sagrado que conheça.
4. Como os espaços sagrados inserem-se no âmbito da Geografia?
5. Os espaços sagrados viabilizam o aumento do fluxo populacional para as chamadas cidades-santuário? Por quê?
6. A partir de suas leituras do cotidiano, qual a sua percepção sobre os espaços sagrados pertencentes ao seu bairro, distrito e/ou cidade?

A avaliação desta atividade deve ser realizada analisando se o aluno conseguiu compreender corretamente o que são espaços sagrados e profanos, como são construídos e se ele consegue identificar algum espaço sagrado a partir de sua leitura do cotidiano, desde a igreja que frequenta ou até determinado local que, para ele, ocorra um rompimento da homogeneidade espacial e homogeneidade temporal a partir de uma hierofania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Geografia da Religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, ano 1, out. 1995.

_____. História, Teoria e Método em Geografia da Religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, jan./jun. 2012a.

_____. Mapping 'new' geographies of religion: politics and poetics in modernity. **Progress in Human Geography**, n. 25, p. 211-233, 2001a.

_____. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997a. p. 231-247.

_____. O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Explorações Geográficas: percursos no fim do Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b. p. 119-153.

_____. O Sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012b. p. 73-99.

_____. Por uma Geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos da Epistemologia da Geografia contemporânea**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. p. 253-265.

_____. Religion and technology: refiguring place, space, identity and community. **Area**, n. 33, p. 404-413, 2001b.

BRACE, C.; BAILEY, A. R.; HARVEY, D. Religion, place and space: a framework for investigating historical geographies of religious identities and communities. **Progress in Human Geography**, v. 30, n. 1, p. 28-43, 2006.

DEFFONTAINES, P. **Geographie et religions**. Paris: Gallimard, 1948.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Tradução de: Le Sacré et le Profane.

FICKELER, P. Questões fundamentais na Geografia da Religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 7-35, jan./jun. 1999.

FRAGA, N. C.; CABIANCA, A. G.; SILVA, E. P. Terra encantada dos Encantados de São João Maria: espaço sagrado, cultura popular e a fé no monge João Maria de Jesus, em Água Morna, Curiúva, PR. In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA “NOVOS RUMOS PARA OS ESTUDOS GEOGRÁFICOS” E SEMANA DE GEOGRAFIA, 1. e 9., 2013, Cornélio Procópio. **Anais...** Cornélio Procópio: UENP, 2013. p. 1-12.

FRANÇA, M. C. **Pequenos centros de função religiosa**. 1972. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRANGELLI, P. A Geografia da Religião no Brasil: intelectuais pioneiros, propostas e metodologias de estudo. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 40-65, jan./jun. 2012.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

KONG, L. Geography and religion: trends and prospects. **Progress in Human Geography**, n. 14, p. 355-371, 1990.

MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre a Religião**. Lisboa: Edições 70, 1972.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia de la Percepción**. Barcelona: Planeta Agostina, 1993.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. 21 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

PARK, C. Religion and Geography. In: HINNELS, J (Ed.). **Routledge Companion to the study of Religion**. London: Routledge, 2004. p. 1-29.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. 2 ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

ROSENDAHL, Z. **Porto das Caixas**: espaço sagrado da Baixada Fluminense. 1994. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOPHER, D. **Geography of Religions**. New Jersey: Prentice Hall, 1967.

TUAN, Y.-F. Sacred space: exploration of an idea. In: BUTZER, K. W (Org.). **Dimensions of Human Geography**. Chicago: Department of Geography/University of Chicago, 1978. p. 615-632.